

Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

**A TERRITORIALIDADE DA PROSTITUIÇÃO EM
MACAPÁ-AP: UM ESTUDO DE CASO A PARTIR DA RUA
CLAUDOMIRO DE MORAIS**

DIÊGO SOARES DA SILVA, WORLEM DA SILVA SOUZA & GUTEMBERG DE VILHENA SILVA

Boletim Gaúcho de Geografia, v. 42, n.2: 568-583, maio, 2015.

Versão online disponível em:

<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/bgg/article/view/47952/34037>

Publicado por

Associação dos Geógrafos Brasileiros



Portal de Periódicos
UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Informações Adicionais

Email: portoalegre@agb.org.br

Políticas: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

Submissão: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

Diretrizes: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

Data de publicação - maio, 2015.

Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

A TERRITORIALIDADE DA PROSTITUIÇÃO EM MACAPÁ-AP: UM ESTUDO DE CASO A PARTIR DA RUA CLAUDOMIRO DE MORAIS

DIÊGO SOARES DA SILVA¹

WORLEM DA SILVA SOUZA²

GUTEMBERG DE VILHENA SILVA³

RESUMO

O artigo tem como objetivo central compreender a construção e desconstrução das territorialidades da prostituição feminina na Rua Claudomiro de Moraes (RCM), em Macapá-AP. Esta rua é uma das mais importantes do Bairro Buritizal, na Zona Sul da capital. Em termos metodológicos, recorreremos aos seguintes procedimentos: a) pesquisa bibliográfica impressa e digital; b) trabalho de campo; e c) entrevistas semiestruturadas. O artigo foi organizado em três partes: inicialmente é tratada a prostituição pela perspectiva da geografia; em seguida, é feita uma reflexão sobre o “Bar Caboclo”, Bar símbolo da espacialidade da prostituição em Macapá no século passado; e, por fim, é analisada a geografia da prostituição feminina na RCM, focando nas territorialidades. Foi constatado que ocorrem conflitos territoriais entre as garotas de programa e outros segmentos da população, como os moradores que habitam na rua em questão e em seus arredores. Ficou evidente também que atores sociais como mototaxistas e comerciantes se territorializaram na RCM para aproveitar a convergência de interesses econômicos a partir dos clientes que procuram os serviços das garotas de programa. Por fim, uma triste realidade foi constatada: a prostituição de garotas menores de idade que, ao invés de estarem nas escolas, atuam na prática da prostituição.

Palavras-chave: Territorialidades; Prostituição; Macapá-AP; Rua Claudomiro de Moraes.

INTRODUÇÃO

A prostituição⁴ pode ser definida como um conjunto de pessoas ou instituições que promovem ou realizam relações sexuais com o objetivo de satisfação fisiológica, psíquica ou mesmo econômica, na qual estão excluídos sentimentos

- 1 Geógrafo pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP); Professor de Geografia na rede pública no estado do Amapá.
- 2 Geógrafo pela UNIFAP. E-mail: worlem@hotmail.com
- 3 Geógrafo. Docente na UNIFAP; pesquisador e coordenador do Observatório das Fronteiras do Platô das Guianas (OBFRON, www2.unifap.br); e coordenador do Grupo Políticas Territoriais e Desenvolvimento (POTEDS). E-mail: bgeografo@gmail.com
- 4 No texto utilizaremos não só a palavra prostituição para a atividade, mas também profissionais do sexo, meretrício e garotas de programa.

como o amor. A palavra “prostituir” vem do verbo latino *prostituere*, que significa expor publicamente, pôr à venda, referindo-se às cortesãs da Roma antiga que se colocavam na entrada das “casas de devassidão” (RIBEIRO, 2009).

A prostituição é uma atividade vista por parte da sociedade como algo degradante, que fere a moral e os bons costumes, sendo um serviço que provoca um alto grau de preconceito e reprovação. O ato de se prostituir exerce uma dinâmica no espaço e no tempo, movimentando uma série de atores que, de forma direta ou indireta, se envolvem nesta circulação tão presente no cotidiano urbano (MATOS; RIBEIRO, 1996), como é o caso de (moto)taxistas e ambulantes, vistos com frequência nos pontos de prostituição na Rua Claudomiro de Moraes (RCM).

O presente trabalho tem como objetivo analisar a geografia da prostituição feminina na RCM, na cidade de Macapá (Amapá), pela perspectiva das territorialidades⁵. Esta rua é uma das mais importantes do Bairro Buritizal, Zona Sul daquela cidade. Na RCM ou em seus arredores se localizam vários comércios de diferentes tipos, agências bancárias, supermercados, escolas, academias de musculação, uma das quatro unidades do SuperFácil⁶ existentes em Macapá, assim como vários bares e motéis.

Para a coleta de dados, foram realizados dois trabalhos de campo, um em 2013 e outro no ano seguinte; além de entrevistas semiestruturadas com cinco meretrizes e cinco moradores das proximidades da RCM. O artigo foi estruturado em três partes: inicialmente é tratada a prostituição pela perspectiva da geografia; em seguida, são feitos comentários sobre o “Bar Caboclo”, Bar símbolo da espacialidade da prostituição em Macapá no século passado; e, por fim, é analisada a geografia da prostituição na RCM, focando nas territorialidades.

A análise das territorialidades da prostituição é abordada em grande escala nas cidades brasileiras com diferentes focos, tais como a presença de ambientes escuros; proximidades de estabelecimentos comerciais (casas de show, Bares e motéis); assim como em lugares de grande fluxo de pessoas e de variadas atividades. Características semelhantes a essas são encontradas na RCM que, inclusive, tem uma das marcas mais cruéis da atividade: a prostituição infantil. Os territórios⁷ da prostituição são marcados pela apropriação de uma rua ou um conjunto de ruas, durante certo período de tempo por um determinado grupo de profissionais do sexo, sejam eles homens, mulheres ou travestis. No caso da RCM, os espaços públicos são marcados pela presença destacada dos dois últimos segmentos apontados.

5 Conforme Sack (1986), territorialidade corresponde a uma relação com o espaço que tenta afetar, influenciar ou controlar ações através do controle do território. É a face vivida do poder.

6 Centro integrado de diferentes setores do Governo do Estado para atendimento ao público, como Polícias Civil e Técnica; Departamento de Trânsito; Corpo de Bombeiros, etc. No Buritizal se localiza o Superfácil da Zona Sul de Macapá.

7 Utiliza-se aqui a definição de Souza (1995) para o qual o Território é marcado por e a partir de relações de poder. Nele, portanto, ocorre um controle e também práticas de quem o controla. Essas práticas são as territorialidades já definidas na nota 5

A PROSTITUIÇÃO E SEUS EFEITOS TERRITORIAIS NO ESPAÇO GEOGRÁFICO

A prostituição e os seus efeitos territoriais no espaço geográfico abrangem uma gama de análises e reflexões com imensurável importância para se compreender esta atividade e todo o seu processo dinâmico. Segundo Mattos; Ribeiro (1996) é necessário para o desenvolvimento da prostituição certa ambiência, demarcada pelos limites de uma territorialidade definida. Para esses autores, cada grupo de prostituição segrega seu próprio território, mas o restante da população também estigmatiza esses territórios. Conforme Ribeiro (1997), os territórios podem ser diferenciados em: a) fortes – aqueles demarcados e protegidos por um grupo, ou seja, um espaço condicionado por uma rigidez de controle e b) fracos, com tolerância entre os “competidores”, na qual a entrada e a saída no grupo são mais aceitáveis.

Segundo Ornat (2008), a apropriação do espaço urbano dos grupos que atuam na prostituição por um período de tempo se faz com suas posturas corporais e seus códigos. Em sua explanação, o autor defende que “participar do grupo territorializado significa aderir a um sistema de valores produzidos culturalmente, um conjunto de normas inditárias para cada território” (ORNAT, 2008, p.46). O mesmo autor destaca que este conjunto de regras estabelecidas por meio da conveniência, tem por base as atitudes comportamentais e suas mensagens gestuais, como um conjunto de códigos reconhecidos por seus pares em suas relações.

Mattos; Ribeiro (1996) destacam que, dependendo da hora e do dia (final de semana ou feriado), os ambientes periféricos acabam se tornando pontos atrativos para diferentes territorialidades de excluídos da sociedade, surgindo posteriormente diferentes territórios, incluindo os da prostituição. Os autores ressaltam ainda que “cada grupo de prostituição segrega seu próprio território, defendendo-o, algumas vezes, da ameaça de invasão de outros tipos de ‘mercadores do sexo’ e de outros atores sociais” (Ibid., p. 62).

Silva; Neto (2009) explicam que as territorialidades da prostituição surgem a partir do momento em que o espaço concreto é ocupado por mulheres, travestis ou michês que exercem aquela atividade. Tais territorialidades tendem a se dissipar a partir do momento em que a intimidação ocasionada por outros atores surte efeito. Como alternativa para a fuga desta problemática enfrentada pelas profissionais do sexo, a mudança do ponto da prostituição torna-se necessária, alterando consequentemente a fronteira do território. Percebe-se, assim, o quão móvel é a caracterização dos territórios da prostituição, ocasionando certas mudanças em conexão com as relações de poder que ocorrem na sociedade.

Para Parente (2012), as diferenças existentes nos diversos grupos sociais na apropriação do espaço, ou seja, na construção do território, acabam tornando-se fator decisivo para o aparecimento de conflitos entre os grupos, como é o caso do conflito entre a territorialidade construída pelas garotas de programa com famílias que moram ao entorno onde a atividade é praticada.

Ao tratarem da formação dos territórios da prostituição, Castro; Deus; Silva (2012) enfatizam que os mesmos tendem a ser quase sempre formados em áreas

de baixo *status* social e valor econômico, realçando a formação dos pontos de prostituição nas proximidades das zonas comerciais populares ou localizadas em bairros pobres da cidade. Silva; Neto (2009), em análise sobre as diferentes funções urbanas e os serviços da prostituição, defendem que as garotas de programa que exercem as suas atividades em áreas públicas, com frequência territorializam um espaço público durante a noite. Entretanto, durante o dia, esse mesmo espaço é composto por outros tipos de serviços (comércio, escritórios e atividades informais) e a prática da prostituição é anulada ou se torna quase imperceptível.

Após as considerações sobre o que é e como se des-constroem as territorialidades da prostituição, far-se-á em seguida breves comentários sobre espacialidade da prostituição em Macapá, considerando como tal a inauguração e o desenvolvimento do Bar Caboclo.

O BAR CABOCLO: UM POUCO DA ESPACIALIDADE DA PROSTITUIÇÃO EM MACAPÁ

Analisar aspectos relevantes da espacialidade da prostituição em Macapá nos remete ao popular Bar Caboclo⁸ e sua filial, Bar do Chico (Foto 1), inaugurada três anos após o sucesso do primeiro. O Bar Caboclo foi fundado na década de 1960 pelo senhor Abrão Serrão de Castro, nativo de Mazagão, interior do estado do Amapá. Este Bar localizava-se em uma área alagada no Bairro do Laguinho, onde pontes de madeira serviam como passarela para os transeuntes.

Foto 1– Último endereço do Bar Caboclo



Bar do Chico, (ou Bar Caboclo) no último endereço, já perto do fim.
<http://porta-retrato-ap.blogspot.com/>

Fonte: Reprodução de jornal/Arquivo Rogério Castelo.

8 O nome dado foi consequência dos principais frequentadores que eram caboclos vindos das ilhas do Pará, nas embarcações que aportavam na doca da Fortaleza, além de trabalhadores da Indústria e Comércio de Minérios (ICOMI) e da Usina Hidrelétrica de Coaracy Nunes.

O então novo ponto comercial da cidade, o Bar Caboclo, foi visto como uma “mina de ouro” por mulheres que sobreviviam da prostituição, já que aquele local reunia características satisfatórias para a prática desta atividade, tais como circulação de muitos homens; falta de oportunidades adequadas para emprego e baixo grau educacional das mulheres. Acrescente-se ainda que nas proximidades do Bar Caboclo atracavam todas as embarcações que chegavam em Macapá à época trazendo caboclos ribeirinhos e também marinheiros estrangeiros que, ao desembarcarem, logo procuravam diversão. Dessa maneira, o Bar em questão convergiu condições tais para a prática da prostituição nos seus arredores.

O Blog Amapá (2011) relata que o ambiente daquele Bar era movimentado de domingo a domingo e, no período de pagamento salarial, a procura por garotas de programa aumentava. O senhor Abrão relata que nos arredores do Bar Caboclo não faltavam quartos para que as mulheres desenvolvessem suas atividades. O proprietário do Bar tinha lucro com as garotas de programa porque quando um freguês se interessava por alguma das mulheres, era certeza de que tal cliente consumiria e gastaria muito dinheiro.

O ponto comercial de Abrão deu certo e, em três anos, ele inaugurou uma filial, Bar do Chico (Foto 2), toda em alvenaria, e melhor equipada, demolida em 1995 para dar lugar a outra edificação. O Blog Amapá (2011) ressalta ainda que a freguesia aumentava sistematicamente, devido à nova estrutura em alvenaria. O Bar do Chico passou a ser frequentado por pessoas influentes e importantes.

Foto 2 – Prédio do Bar do Chico, extinta filial do Bar Caboclo



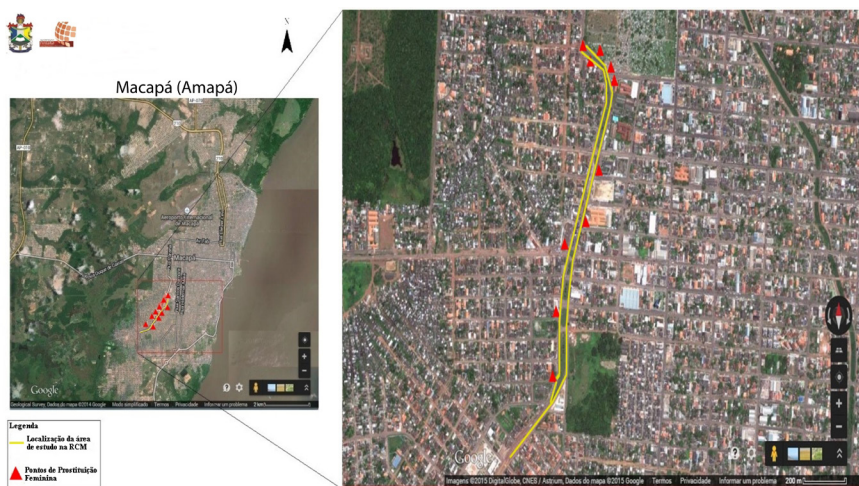
Fonte: Reprodução de jornal/Arquivo Rogério Castelo.

Com efeito, mudanças substanciais ocorreram no Amapá com implicações também na prática da prostituição, consequências de um processo histórico marcado pela sua transformação em estado federativo, em 1988; desenvolvimento de atividades mineradoras, notadamente de manganês, cromo e até ouro; a implantação da Área de Livre Comércio de Macapá e Santana (ALCMS); e a instalação de hidrelétricas⁹. Esses fatores foram responsáveis para potencializar a mobilidade para Macapá de uma mão-de-obra masculina em busca de oportunidades de trabalho e, com ela, mulheres que migraram com o objetivo de trabalhar em casas de prostituição ou que, na ausência de oportunidades de trabalho e renda, utilizaram de tal atividade como forma de ganhar dinheiro. Tais características são evidentes no perfil traçado na RCM, como se verá a seguir.

AS TERRITORIALIDADES DA PROSTITUIÇÃO FEMININA NA RUA CLAUDOMIRO DE MORAES

As observações em campo na RCM foram muito relevantes para a análise das territorialidades da prostituição feminina, adulta e infantil. No trabalho de campo, foram identificados 9 pontos onde se desenvolvem atividade desse gênero (Figura 1). Essas territorialidades atuam com mais intensidade no período noturno, sobretudo das 21h às 04h, embora tenhamos constatado que a qualquer hora é possível identificar prostituição.

Figura 1– Pontos de prostituição feminina na porção estudada da RCM.



Fonte: Google Maps (2014); Trabalho de campo (2013; 2014). Elaboração: G.V.SILVA (2014).

9 Sobre: estadualização e a ALCMS ver Porto (2003); mineradoras no Amapá ver Porto (2003); Cunha (1962); Brito (2001); Coelho; Monteiro (2007); Drummond; Pereira (2007); Monteiro (2003).

Nas análises de Espinheira (1984), cuja constatação na RCM é perceptível, a prostituição tem a necessidade de se instalar em áreas de menor *status* e valor econômico, como os bairros pobres. A prostituição feminina se instala na RCM, periferia de Macapá, próximo a áreas de ponte (moradias construídas em áreas de ressaca sobre palafitas), onde habitam famílias de baixa renda.

Foto 3 – Motel próximo ao meretrício da RCM.



Fonte: Trabalho de Campo (2013). Acervo de D. S. Soares.

Na RCM, parte de sua paisagem é marcada pela presença de Bares, estabelecimentos comerciais com venda de bebidas alcoólicas e motéis como o da Foto 4, fundamentais para a prática do meretrício.

Muitos clientes se deslocam ao encontro das meretrizes após saírem dos Bares das proximidades dos pontos, como este da Foto 4, levando em conta o intenso movimento nesses ambientes ao longo da noite. Além dos Bares, outros pontos de sociabilidade estão presentes na contiguidade como: lanchonetes, mini-mercados e mercearias (Tabela 1).

Foto 4 - Bares na RCM perto do meretrício



Fonte: Trabalho de Campo (2014). Acervo G.V. Silva

Tabela 1 – Locais frequentados pelos clientes das meretrizes.

ITEM	QUANTIDADE
BAR	10
MERCANTIL	04
MOTEL	04

Fonte: Trabalho de Campo, 2014. Elaboração: D.S.Silva (2014).

Na RCM as práticas espaciais de grande parte das garotas de programa são realizadas no cotidiano das ruas. O principal palco de suas territorialidades são as calçadas onde elas expõem seus corpos, como se ali fosse uma vitrine para a prostituição. Desta maneira, foi identificado que os pontos ficam em locais estratégicos, em sua maioria nos cantos das ruas, principalmente onde há pouca iluminação. Por isso, é evidente que a prática da prostituição não é diferente de outras atividades, pois ela precisa construir suas territorialidades para o seu desenvolvimento (BARBOSA; PIMENTEL, 2011).

Cada territorialidade construída ao longo da RCM é marcada por grupos fechados, ou seja, as meretrizes de outros pontos não se misturam. Uma das garotas entrevistadas afirmou que “só atuo nesse ponto, senão dá briga”. A procura pelo serviço do meretrício é muito forte naquela rua, comprovado quando se constata que clientes vão ao encontro das garotas de programa, como as da Foto 5, de várias maneiras, como à pé, de bicicleta, motocicleta e de carro. As meretrizes da referida rua são bastante ousadas, tanto nos gestos como no vestuário; muitas não esperam os clientes pararem para acertar o serviço, elas chamam qualquer um que passa naquele local para conversar sobre um possível acerto para programa.

Foto 5 - Garotas de Programa na RCM



Fonte: Trabalho de Campo (2014). Acervo G.V. Silva

Durante a noite, as áreas onde ocorre a prática da prostituição na RCM são praticamente desertas e com pouca iluminação. Segundo uma das garotas de programa que foi entrevistada, mas não quis se identificar, as mulheres que estão no “pistão”, como são denominados por elas os territórios da prostituição, a qualquer hora, são as viciadas em *crack*, cuja frequência se dá para a manutenção do vício, fato confirmado pelo senhor Mário, morador há mais de 20 anos da RCM. Geralmente o programa que elas fazem é bem mais Barato por conta da necessidade de manutenção do vício e também em função de suas características físicas, já pouco atraentes na maioria dos casos. O senhor Mário comentou ainda que: “quando as meretrizes terminam o programa vão até as bocas de fumo do bairro para comprar *crack*”.

Segundo informações do mesmo entrevistado, algumas meretrizes com quem ele tem amizade, usam Redes Sociais como *WhatsApp* e *Facebook* para

marcar programas e divulgar o seu serviço. Isso demonstra que o uso das tecnologias da informação intensifica esta atividade, pelo menos no caso de algumas garotas de programa que sabem e usam das Redes Sociais para potencializar e diversificar os seus clientes.

Uma garota que aqui será chamada de Barbara¹⁰ – de apenas 15 anos de idade, trabalha há mais de dois anos naquele local, ou seja, desde os 13 anos de idade. A adolescente relata que o motivo que a levou escolher este caminho foi a falta de emprego e a necessidade de suprir suas necessidades básicas, como se alimentar e se vestir. Com esta atividade, ela ganha mais de dois salários mínimos por mês, cobrando em média cerca de R\$ 70,00 por hora de programa.

Quando indagada sobre violência física e/ou verbal, Barbara responde que já sofreu agressão de clientes, e a providência que ela tomou foi chamar a polícia, que, segundo esta garota, nada fez. Além disso, essas mulheres ficam sempre nos mesmos lugares para evitar conflitos com outras garotas de programa, existindo, portanto, territórios definidos e delimitados por e a partir de relações de poder (SOUZA, 1995). Tais características marcam as territorialidades e também as espacialidades das garotas de programa na RCM.

Para essas mulheres, a vida na rua não é fácil, considerando o repúdio de parte dos moradores. Bárbara relata ainda que um morador que trabalha na área da segurança já tentou agredi-las, por estarem desenvolvendo suas atividades na frente da residência dele. Acrescente-se ainda que estas garotas são assediadas pelos homossexuais que cobram pelo uso do ponto: se elas negarem o pagamento, são agredidas. Esta configuração naquele espaço geográfico mostra claramente os conflitos territoriais entre grupos que querem possuir o controle da área por determinado momento do dia e/ou da noite.

As garotas de programa desenvolveram um linguajar, sobretudo corporal, para facilitar a comunicação com outros atores envolvidos, constituindo uma forma de afirmação territorial evidenciada nos territórios da prostituição. Esta forma de comunicação corporal é limitadora, indicando quem está dentro ou fora do território, e cria uma fronteira entre os que pertencem e os que não pertencem àquela área. Suas vestimentas e gestos, suas formas de defesa pessoal e de intimidação criam uma fronteira entre tais mulheres e as outras pessoas, bem como tornam diferente a esquina utilizada para o serviço, o que faz com que as pessoas que lá passam compreendam que aquela área pertence simbólica e territorialmente à prática da prostituição (SILVA, 2011), pelo menos naquele momento, como constatado nos 9 pontos-chave da prática da prostituição na RCM à noite.

O senhor Patrício, morador há 28 anos da RCM, relatou que as prostitutas tendem a fazer ponto em um Bar localizado nas proximidades da RCM. O Bar do Tigrão, como é popularmente conhecido, atrai o público nos dias de quinta e sexta-feira, com uma grande quantidade de frequentadores. Por conta disso, algumas garotas de programa se deslocam para esse Bar à espera de um possível programa. Segundo o senhor Patrício: “elas ficam lá na frente desde que começa a festa

10 Todos os nomes das garotas de programa citados são fictícios.

lá dentro; conforme vai terminando e vai passando o horário, as prostitutas são levadas de lá pelos caras!”. Este senhor afirmou que este é um fato frequente

Na visão deste morador, a prostituição na RCM, de 2009 ao início de 2014, aumentou bastante. O senhor Patrício destaca que: “ao sair de casa para trabalhar lá pelas cinco da manhã, eu sempre me deparo com as meninas fazendo programa lá no canto do CEPA e também ali no canto da TV Amapá onde ficam os travestis.” O mesmo entrevistado relatou a influência que o “Bar da Loura” (Foto 6) teve e ainda possui para a prática da prostituição no local e nas suas proximidades. Com efeito, mesmo que os 9 pontos tenham sido identificados como os relevantes na RCM, ficou evidente no trabalho de campo que há uma concentração intensa no Bar da Loura, local onde a atividade de prostituição é muito requisitada pelos que lá frequentam.

Foto 6 – Frente do Bar da Loura na RCM.



Fonte: Trabalho de Campo (2014). Acervo de W. S. Souza.

O senhor Miguel, morador há mais de 30 anos, afirmou que funciona um motel logo em frente a sua casa. Segundo ele, o motel é muito utilizado pelas garotas mais novas que fazem programa na RCM. Este morador relata que “elas vêm aqui pra fazer sexo com os seus clientes e às vezes entra de três a quatro pessoas só de uma vez”. O relato continua: “o movimento por aqui é direto! tem muito cara que vem para cá só mesmo para se drogar juntamente com prostitutas que são viciadas.” O entrevistado ressalta que já fez várias denúncias sobre o caso, mas nada foi resolvido. O senhor Miguel se sente incomodado por alguns acontecimentos constrangedores que já presenciou ao longo dos anos e desabafa:

Eu quero que um dia uma dessas meninas ou algum desses traficantes venham mexer com a minha família! Vou brigar com eles! Pois sou o único aqui que não tenho medo dessa falta de respeito que ocorre nesse lugar.

O texto acima mostra o conflito existente entre territorialidades na RCM. De um lado, moradores que se incomodam com a prática desta atividade e, do outro, as garotas que já demarcaram suas áreas em porções da rua, de modo que quando um cliente quiser buscar tais serviços, já sabe onde poderá encontrá-las.

Um fato interessante observado em campo foi um tipo de segregação sócio espacial entre as próprias garotas de programa daquela área, pois de um lado da rua ficam as profissionais mais jovens e mais procuradas pelos clientes, muitas delas menores de idade, as quais, em média, cobram R\$ 120,00 por cada meia hora de programa. Já no lado oposto, ficam as meretrizes com faixa etária entre 30 e 50 anos e também menos requisitadas em relação às primeiras; por isso, estas cobram, em média, R\$ 30,00 a hora. Existe outro seguimento da prostituição que disputa o acesso aos clientes que é o dos travestis¹¹. Tal disputa é marcada por momentos de violência e reforço no controle de suas territorialidades na RCM.

Outra garota entrevistada aqui chamada de Maria afirma que a prostituição é também exercida durante o dia, entretanto as garotas não se misturam. Percebemos uma rixa entre elas pelos comentários depreciativos, tais como: “só fica fuleira aqui durante o dia”, ou “vem aqui de tarde que tu pega qualquer uma por dez reais”.

Para Ribeiro (1997), nos territórios de prostituição se pode observar todo um circuito de relações que liga policiais, motoristas de táxi, seguranças, ambulantes, em torno de alguns princípios de convivência. Entre todos os atores estabelece-se uma confiança mútua advinda de uma série de numerosos contatos de rua. Na RCM, foi possível identificar situação semelhante entre as garotas de programa e os ambulantes, donos de lanchonete, mototaxistas, taxistas.

O Conselho Tutelar¹² da Zona Sul da cidade de Macapá foi consultado com o intuito de levantar mais informações sobre a prostituição das adolescentes na RCM e saber quais as políticas de combate e prevenção à prostituição infantil. Quem relatou as ações foi o conselheiro Mauro Trindade que, em depoimento, informou que são recebidas várias denúncias através do órgão. Ele enfatizou que ocorre um levantamento sobre as questões sociais das adolescentes. Segundo este conselheiro: “Ao ser relatado a problemática é feita uma averiguação para saber a quanto tempo a adolescente está se prostituindo e se tem algum aliciador que tira proveito da garota”.

Mauro Trindade destacou ainda que: “o conselho tutelar não pode prender a adolescente, abrimos um processo e é feito um trabalho de ressocialização com acompanhamento através de psicólogos e assistentes sociais para tentar fazer com que a jovem não volte às ruas”. E conclui que o

11 Como não é objetivo deste trabalho discutir a territorialidade dos Travestis, esta é a única menção feita a eles.

12 O Conselho Tutelar é encarregado pela sociedade de zelar pelo cumprimento dos direitos da criança e do adolescente.

papel principal do conselho é justamente fazer o diagnóstico e encaminhar aos outros órgãos as denúncias. São realizadas as *blitz* em conjunto com a vara da infância e da juventude, Guarda Municipal, Ministério Público e Promotoria da Infância.

O conselheiro destacou que existe uma dificuldade para as realizações das *blitz* (ação conjunta de órgãos fiscalizadores) e ressaltou a falta de logística para as mesmas. Mauro Trindade relatou ainda que o papel principal da instituição, quando a adolescente é reincidente (passou pelo conselho mais de uma vez), por exemplo, é encaminhar o processo ao Ministério Público para que este tome medidas mais enérgicas quanto ao caso.

Ao ser indagado se existe algum aliciador por trás desta atividade de prostituição infantil, Mauro Trindade foi enfático e nos disse que: “nomes chegam ao Conselho, mas faltam provas suficientes para chegar a estes, mesmo assim já está sendo feita uma investigação por parte da polícia para capturar estes aliciadores e prendê-los”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo se propôs a analisar aspectos relevantes das territorialidades da prostituição feminina na Rua Claudomiro de Moraes, em Macapá. Uma constatação em relação a esta atividade é a sua correlação ao uso de drogas, falta e condições precárias de moradia, desemprego e baixa escolaridade, fazendo com que o ato de se prostituir torne-se a alternativa encontrada pela meretriz para a manutenção do seu vício e para necessidades básicas, pois se verificou que muitas vezes o dinheiro recebido pelo cliente é usado para comprar drogas.

Foi constatado também que ocorrem conflitos territoriais entre as garotas de programa e outros segmentos da população, como os moradores que habitam na rua em questão e em seus arredores. Acrescente-se ainda que na RCM atores sociais como mototaxistas e comerciantes lá se territorializaram para aproveitar a convergência de interesses econômicos a partir dos clientes que procuram os serviços das garotas de programa. Por fim, uma triste realidade foi percebida: a prostituição de garotas menores de idade que, ao invés de estarem nas escolas, atuam na prática da prostituição.

PROSTITUTION TERRITORIALITY IN MACAPA (AP): A CASE STUDY FROM CLAUDOMIRO DE MORAIS STREET

ABSTRACT

The main objective of this article is to comprehend the territoriality construction and deconstruction of female prostitution at Claudomiro de Moraes Street, in Macapa-AP. This street is one of the most important of the Buritizal neighborhood, south Macapa. In methodological terms, we used the following procedures: a)

bibliographic research both printed and digital; b) field work; c) semi structured interviews. This article is organized in three parts: initially prostitution is analyzed from geography perspective; then, a reflection is made regarding “Bar Caboclo”, a club which is a symbol for prostitution spatiality in the last century and finally, prostitution geography is analyzed as occurring at Claudomiro de Moraes Street, focusing on territorialities. It was found that territorial conflicts occur between prostitutes and other segments of the population, such as the inhabitants who live in this street and nearby. It also became evident that social actors such as taxi drivers and tradespeople territorialize at Claudomiro de Moraes Street to take advantage of the economic converging interests from clients who seek the services of prostitutes. Lastly, a sad reality was found: prostitution of girls under age who, instead of being in school, work in the practice of prostitution.

Keywords: Territorialities; Prostitution; Macapá-AP; Claudomiro de Moraes Street.

LA TERRITORIALIDAD DE LA PROSTITUCIÓN EN MACAPÁ (AP): UN ESTUDIO DE CASO DE LA CALLE CLAUDOMIRO DE MORAIS

RESUMEN

El artículo está dirigido principalmente a comprender la construcción y deconstrucción de la territorialidad de la prostitución femenina en la calle Claudomiro de Moraes (CCM), en Macapá-AP. Esta calle es una de las más importantes en el barrio Buritizal, en el sur de la capital. En términos metodológicos, se utilizaron los siguientes procedimientos: a) búsqueda de impresión y la literatura digital; b) el trabajo de campo; y c) entrevistas semi-estructuradas. El artículo se organiza en tres partes: inicialmente se trata la prostitución por la perspectiva de la geografía; entonces, sigue las discusiones sobre “Bar Caboclo”, Bar símbolo de la espacialidad de la prostitución en Macapá en el siglo pasado; y, por último, analiza la geografía de la prostitución en CCM, centrándose en la territorialidad. Se encontró que a medida que se producen los lugareños que viven en la calle en cuestión y sus alrededores existen conflictos territoriales entre las prostitutas y otros segmentos de la población. También se hizo evidente que los actores sociales, como los taxistas de motocicleta y comerciantes se territorializaron en la CCM para aprovechar la convergencia de los intereses económicos de los clientes que buscan los servicios de prostitutas. Por último, un hecho triste se encontró: la prostitución de niñas menores de edad que en lugar de estar en la escuela, se quedan trabajando en la prostitución.

Palabras clave: Territorialidades; Prostitución; Macapá-AP; Calle Claudomiro de Moraes.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, A. C. S.; PIMENTEL, I. I. Dos dias de gloria aos dias da gloria: a questão da prostituição de travestis na avenida Augusto Severo. In: RIBEIRO, M. A.; OLIVEIRA, R. S. (orgs.) **Território, sexo e prazer: olhares sobre o fenômeno da prostituição na geografia brasileira**. Rio de Janeiro: Gramma, 2011.

BRITO, D. C.. **A modernização da superfície: Estado e Desenvolvimento na Amazônia**. UFPA/NAEA, 2001.

CASTRO, H. M.; DEUS, J. A. S.; SILVA, P. H. C. Territórios e territorialidades urbanas: olhares ambivalentes sobre a prostituição na metrópole mineira. **VI congresso internacional de estudo sobre a diversidade sexual e de gênero da ABEH**, 2012.

COELHO, M C N; MONTEIRO, M de A. **Mineração e reestruturação espacial na Amazônia**. Belém; NAEA, 2007.

CUNHA, Á. **Quem explorou quem no contrato de manganês do Amapá**. Macapá: RUMO, 1962.

DRUMMOND, J A; PEREIRA, M de A. P. **O Amapá nos tempos do Manganês. Um estudo sobre o desenvolvimento de um estado amazônico**. 1943-2000. Garmond. Rio de Janeiro. 2007.

ESPINHEIRA, G. **Divergência e Prostituição: uma análise sociológica da comunidade prostitucional do Maciel**. Rio de Janeiro/Salvador: Tempo brasileiro/ Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1984.

MATTOS, R. B.; RIBEIRO, M. A. C. Territórios da prostituição nos espaços públicos da área central do Rio de Janeiro. **Revista Território**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, vol, 1, nº 1, , 1996.

MONTEIRO, M de A. **A ICOMI no Amapá: meio século de exploração mineral**. Novos Cadernos NAEA, v. 6, dez. 2003.

ORNAT, M. J. **Território da prostituição instituição do ser travesti em Ponta Grossa - Paraná**, 160 f. Dissertação de mestrado – Programa de pós-graduação em geografia, Universidade Estadual de Ponta Grossa - Paraná. Florianópolis, 2008 (a).

_____. Espaço urbano, poder e gênero: uma análise da vivência travesti. Universidade Estadual de Ponta Grossa: Revista de psicologia da UNESP 9(1), 2010.

PARENTE, L. R. C. **Os territórios da prostituição feminina de rua em Recife, Pernambuco - Brasil: conflitos e transformações no espaço geográfico**. VII congresso português de sociologia, 2012.

PORTO, J.L.R. **Amapá: Principais Transformações Econômicas e Institucionais (1943-2000)**. Macapá: SETEC. 2003.

RIBEIRO, M. A. C. **Prostituição de rua e turismo em Copacabana: A Avenida Atlântica e a procura de prazer**. Revista território. Ano II, n.3. Rio de Janeiro, jul/des. 1997.

RIBEIRO, S. *et al.* **Perfil sócio-demográfico e ginecológico de mulheres prostitutas da cidade de russas-ce.** 61º Congresso brasileiro de enfermagem, 2009.

SILVA, J. C. O conceito de território na geografia e a territorialidade da prostituição. In: RIBEIRO, M. A.; OLIVEIRA, R. S. (orgs.) **Território, sexo e prazer:** olhares sobre o fenômeno da prostituição na geografia brasileira. Rio de Janeiro: Gramma, 2011.

SILVA, R. A. L.; NETO, C. S. A. **Meretrizes:** A geografia da Prostituição em Florianópolis. Programa de educação tutorial Petgeo informativo. Ano III- Nº 21, ISSN: 1982-517X, 2009.

BLOG AMAPÁ. **Amapá, minha amada terra!!!**. Disponível em: <http://casteloroger.blogspot.com.br>. Postada em 27 de maio de 2011.